

# JUVENTUDE E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE SOBRE OS FATORES DETERMINANTES DA CONDIÇÃO DE NEM-NEM NO BRASIL URBANO<sup>1</sup>

Juliane da Silva Ciríaco<sup>2</sup>  
Jair do Amaral Filho<sup>3</sup>  
Julyan Gleyvison Machado Gouveia Lins<sup>4</sup>  
Otoniel Rodrigues dos Anjos Junior<sup>5</sup>  
Sandro Pereira Silva<sup>6</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

A juventude é uma fase crucial no ciclo de vida do ser humano; nesta, as pessoas geralmente começam a realizar suas aspirações, assumem independência econômica e buscam encontrar seu espaço na sociedade. Uma entrada difícil no mundo do trabalho pode ter repercussões graves para os jovens no meio social, incluindo um maior risco de pobreza e uma perda valiosa de habilidades (O'Higgins, 2010; Corseuil e Botelho, 2014; Silva e Botelho, 2016).

Atualmente, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE),<sup>7</sup> por volta de um em cada quatro indivíduos entre a faixa etária de 15 e 29 anos são jovens no Brasil. Isso deveria traduzir-se, de forma inédita, em maior aceleração e desenvolvimento econômico se este *boom* de pessoas em idade ativa fosse devidamente aproveitado. Contudo, a pouca qualificação, a alta rotatividade e o desalento pioram o cenário juvenil, que, no longo prazo, pode comprometer a sustentabilidade econômica do país.

Na atualidade, diversas pesquisas têm discorrido sobre a relação da população juvenil com o mundo do trabalho, sob distintos enfoques: exposição a remunerações mais baixas (Santos e Gimenez, 2015), instabilidade ocupacional devido à falta de experiência laboral (Reis, 2015), informalidade nos vínculos (Silva *et al.*, 2016; Silva, 2018), vulnerabilidade a contratos temporários e intermitentes (Booth, Francesconi e Frank, 2002; Balan, 2014), maior sensibilidade a recessões (Kelly e McGuinness, 2015) e, mais recentemente, sua vulnerabilidade diante do

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bmt74/nt1>

2. Pesquisadora do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Disoc/Ipea). *E-mail*: <juliane.ciriaco@ipea.gov.br>.

3. Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia (Caen) da Universidade Federal do Ceará (UFC). *E-mail*: <amarelojair@gmail.com>.

4. Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail*: <julyanlink@hotmail.com>.

5. Doutor em economia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). *E-mail*: <pbdosanjos@hotmail.com>.

6. Técnico de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea. *E-mail*: <sandro.pereira@ipea.gov.br>.

7. Disponível em: <<https://bit.ly/3SMam5z>>.

contexto da pandemia de covid-19 (Corseuil e Franca, 2020; Silva e Vaz, 2022).<sup>8</sup> Todas essas condições adversas enfrentadas pelos jovens podem gerar uma população que não é empregada e que nem está em processo de educação ou treinamento, denominados de forma genérica pela literatura brasileira de geração nem-nem.

No Brasil, dados do Censo Demográfico 2010 já apontavam que aproximadamente 8,8 milhões de pessoas de 15 a 29 anos não trabalhavam, não estudavam, nem sequer procuravam emprego, superando, em termos numéricos, a população total de Pernambuco, que era de 8,7 milhões de habitantes no mesmo período. Tal cenário pode tornar-se um problema social de grandes proporções no futuro, visto que o Brasil está passando por um processo chamado de bônus demográfico, situação em que população em idade economicamente produtiva supera a parcela de pessoas em idade não produtiva (idosos e crianças), no qual deveria traduzir-se em uma aceleração do crescimento econômico, o que pode ser frustrado em parte pelo fenômeno dos nem-nem.

Diante disso, compreender os fatores socioeconômicos que determinam a alocação entre estudo e mercado de trabalho da juventude torna-se relevante e passou a ser o foco de várias pesquisas em âmbito nacional (Cardoso, 2013; Círico, Anjos Junior e Oliveira, 2018; Costa *et al.*, 2019; Monteiro, 2013; Remy e Vaz, 2017; Rocha, 2008; Shirasu e Arraes, 2019; Tillmann e Comim, 2016).

Para este estudo, além de se considerar as características dos indivíduos já testadas pela literatura, como as relacionadas aos atributos pessoais (gênero, idade e raça/cor) e aos atributos do lar (tamanho da família e escolaridade do chefe), procurou-se verificar o efeito do contexto social na decisão de estar na condição nem-nem. Em tal análise, consideraram-se os dados do Censo Demográfico 2010, do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus) e do Ipeadata.<sup>9</sup> Nessa perspectiva, acredita-se que a interação dos jovens com os demais agentes de sua comunidade poderá influir sobre o seu bem-estar de diferentes formas e intensidades.

Para alcançar o fim proposto, este texto está dividido em mais quatro seções, além desta introdução. Na seção 2, a seguir, expõe-se o modelo teórico exposto por Bronfenbrenner (1979) em que se fundamenta a pesquisa. Na seção 3, as estratégias econométricas e a base de dados utilizada são sucintamente exploradas. Na seção 4, analisam-se e discutem-se os resultados encontrados. Por fim, na seção 5, são tecidas as considerações finais com as principais conclusões do estudo.

## 2 MODELO TEÓRICO

Segundo Siraj *et al.* (2014), a geração nem-nem constitui um grupo heterogêneo com experiências e caminhos diversos, com uma série de fatores de risco comuns associados a níveis proximal e distal.

8. Para maiores reflexões sobre os impactos da pandemia no mercado de trabalho e da distribuição de renda no Brasil, ver Ipea (2021) e Silva, Corseuil e Costa (2022).

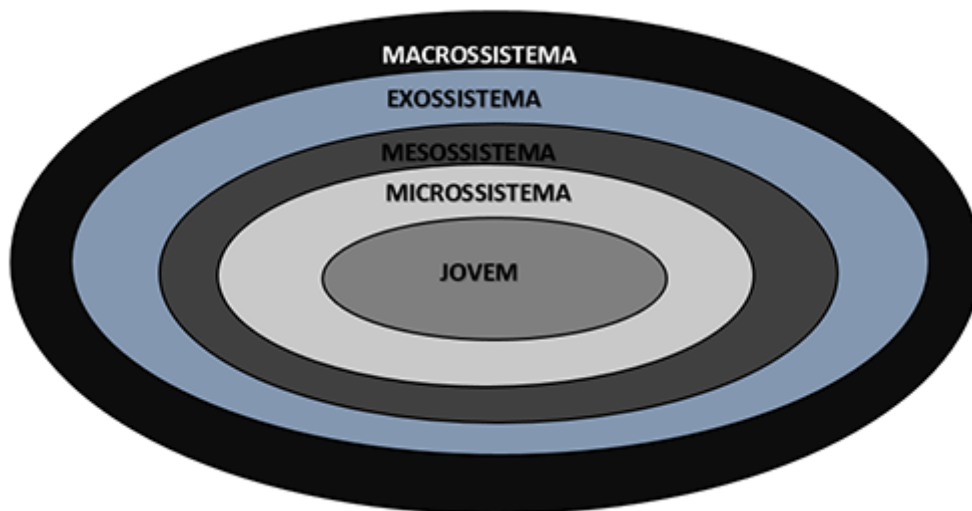
9. Disponíveis em: <<https://bit.ly/3gM5rDY>> e <<https://bit.ly/2JYbzmu>>. Acesso em: 24 out. 2022.

Diante desse ensejo, o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979) torna-se uma estrutura teórica bastante útil para compreender a complexidade dos fatores em jogo na vida desses indivíduos.

A teoria biológica do desenvolvimento humano, desenvolvida por Urie Bronfenbrenner no seu primeiro estágio (1973-1979), se fundamentou em conceituações sobre os diferentes níveis contextuais que influenciam no processo de desenvolvimento de uma pessoa (Coscioni *et al.*, 2018). Os seres humanos são influenciados por interações progressivas mais complexas ao longo do ciclo de vida, as quais abrangem aspectos multidirecionados e inter-relacionados que compõem ligações entre os diversos níveis de desenvolvimento, englobando o ambiente no qual o indivíduo está inserido, subdividido em: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (Ciríaco, Oliveira e Anjos Junior, 2017).

A figura 1 ressalta inicialmente os processos que envolvem um indivíduo em desenvolvimento interagindo com outros agentes, objetos e símbolos em um determinado microsistema. Em seguida, tem-se o mesossistema, caracterizado pelos elos e processos entre dois ou mais microsistemas em que a pessoa se insere. O exossistema engloba os microsistemas em que o indivíduo não participa, de forma ativa, por meio de interações face a face, porém recebe influência indiretamente. Por último, o macrosistema se refere a valores culturais, ideologias e instituições que dizem respeito ao núcleo mais abrangente do ambiente ecológico.

FIGURA 1  
Juventude sob a ótica da teoria do desenvolvimento humano



Fonte: Siraj *et al.* (2014).

Elaboração dos autores.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Siraj *et al.* (2014), além de considerarem a teoria desenvolvida por Bronfenbrenner, incorporaram um segundo modelo teórico, pelo qual ressaltam que a combinação dos capitais econômico, cultural e social define o lugar do jovem na topografia social, contribuindo para

o seu possível *status* nem-nem. Para ele, o capital econômico refere-se à riqueza e aos ativos financeiros dos pais, enquanto o capital cultural consiste em qualificações e experiências educacionais e nas disposições físicas e mentais do jovem. Por sua vez, o capital social inclui a rede de pessoas conhecidas pelo jovem e sua capacidade de explorar oportunidades e recursos fora da família.

Ressalta-se ainda que a inserção produtiva do jovem também dependerá de mudanças macroeconômicas e estruturais, das políticas educacionais e de mercado de trabalho, além do papel desempenhado pelas instituições que regulamentam o próprio mercado (Choudhry, Marelli e Signorelli, 2012). Sendo assim, este estudo buscou capturar o possível impacto do meio social construído, considerando as características macro e microeconômicas, sobre a probabilidade de o jovem estar ou não excluído simultaneamente da força de trabalho e da rede de ensino na área urbana brasileira.

### 3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E BASE DE DADOS

#### 3.1 Abordagem hierárquica

Conforme apontado por Hox (2002), os modelos hierárquicos, também denominados de multiníveis, são utilizados com o propósito de examinar fenômenos cujos elementos possuem estrutura hierarquicamente organizada, com padrões de variabilidades dos dados aninhados em mais de um nível hierárquico. Sendo assim, os dados são dispostos em níveis, assumindo que a variável dependente é medida no nível mais desagregado, enquanto as variáveis independentes podem ser especificadas no primeiro nível e em níveis superiores. Ademais, a abordagem permite um ganho adicional que é a possibilidade de particionar a variância entre os níveis de análise (Raudenbush e Bryk, 2002).

A opção pelo uso de modelos hierárquicos nesta pesquisa deve-se à provável existência de variabilidade existente entre a população jovem, mesmo após o controle pelas características individuais. Logo, pressupõe-se que indivíduos com características semelhantes, porém situados em localidades municipais distintas, supostamente retratam comportamentos distintos em decorrência de atributos peculiares ao município.

Para maior entendimento sobre os fatores determinantes da geração nem-nem, considerou-se a influência simultânea das características de ordem individual (nível 1) e municipal (nível 2). A variável dependente é dicotômica, na qual se atribui o valor de 1 para os indivíduos que, no referido período da pesquisa, eram jovens nem-nem e de 0 para caso contrário. Dado que a variável dependente possui resposta binária, foi adotado um modelo *logit* hierárquico, cuja probabilidade de ocorrência do evento é dada por:

$$\eta_{ij} = \log \left( \frac{\Phi_{ij}}{1-\Phi_{ij}} \right) e:$$

$$Pr(\text{Geração } nem - nem = 1 / \beta) = \Phi_{ij},$$

em que  $\Phi_{ij}$  representa a probabilidade de o indivíduo ser nem-nem e  $\eta_{ij}$  é *log-odds*. Essa probabilidade é modelada por uma função de ligação *logit*, logo a equação é descrita como:

$$\eta_{ij} = \beta_{oj} + \sum_q \beta_q X_{qij} \quad (\text{nível 1}); \quad (1)$$

$$\beta_{oj} = \phi_{oo} + \sum_s \phi_{os} W_{sj} + r_{oj} \quad (\text{nível 2}); \text{ e} \quad (2)$$

$$\beta_{qj} = \phi_{q0} \quad (\text{nível 2}). \quad (3)$$

Dessa forma, o subscrito  $i$  refere-se ao indivíduo e o  $j$ , ao município no qual esse agente pertence. Assim, tem-se que  $\beta_{oj}$  representa o intercepto;  $X_{qij}$  é o valor associado às  $q$  variáveis inclusas no modelo; e  $\beta_q$  é o efeito parcial das variáveis nas chances de ocorrência do evento.

A equação 2 expressa o segundo nível, no qual se assume que o intercepto do nível 1,  $\beta_{oj}$ , varia de forma aleatória em todos os municípios, enquanto se admite inclinação igual para todas as unidades de nível 2 (equação 3), mudando somente o intercepto de cada unidade  $j$ , que é representada por  $(\phi_{oo} + r_{oj})$ . Assim, o intercepto está decomposto no valor médio global para todos os indivíduos ( $\phi_{oo}$ ) e pelo componente aleatório associado ao segundo nível ( $r_{oj}$ ). Ao inserir as equações (2) e (3) na (1), tem-se a equação (4):

$$\eta_{ij} = \phi_{oo} + \sum_s \phi_{os} W_{sj} + \sum_q \phi_q X_{qij} + r_{oj}, \quad (4)$$

em que  $W_{sj}$  corresponde aos  $s$  regressores associados ao nível 2, com  $r_{oj} \sim N(0, \sigma_{oo}^2)$ .

De forma geral, na abordagem hierárquica, é comumente utilizada a estimação do modelo de baixo para cima, no qual se tem como ponto de partida o modelo nulo. Utiliza-se o coeficiente de correlação intraclassa representado pelo  $\rho_{logit}$  com o intuito de verificar se é justificável a inclusão de um segundo nível. Tal métrica é definida como:

$$\rho_{logit} = \frac{\sigma_{oo}^2}{\sigma_{oo}^2 + \sigma_{\xi}^2}. \quad 0 \leq \rho_{logit} \leq 1.$$

A variância residual de nível 2 por suposição é normalmente distribuída, sendo representada por  $\sigma_{oo}^2$ , enquanto  $\sigma_{\xi}^2 = (\pi^2/3) = 3,29$  representa a variância residual do nível 1. Cabe destacar que  $\rho_{logit}$  mensura a proporção da variância entre o grupo diante da variância total, ou seja, ressalta o quanto da variação observada na variável explicada pode ser atribuído às características no nível dos grupos, variando entre 0 e 1 (Ciríaco, Oliveira e Anjos Junior, 2017; Hox, 2002). Isso implica dizer que, quanto mais a métrica se aproxima de 0, mais homogêneos são os grupos considerados entre si; logo, o comportamento do agente independe do grupo que este frequenta. Por sua vez, quando o  $\rho_{logit}$  se aproxima de 1, indica que variabilidade no padrão comportamental dos agentes nos grupos se deve basicamente às diferenças existentes entre esses grupos.

A primeira etapa para análise da construção de um modelo hierárquico consiste na especificação mais simples, denominado de modelo nulo, em que se observam apenas as variações no comportamento dos indivíduos (nível 1), dadas pelas diferenças atribuídas à estrutura municipal (nível 2), expresso por:

$$n_{ij} = \beta_{0j} \quad (\text{indivíduo}); \text{ e} \quad (5)$$

$$B_{0j} = \phi_{00} + r_{0j} \quad (\text{município}). \quad (6)$$

Introduzindo a equação (6) na (5), obtém-se o primeiro modelo expresso por:

$$n_{ij} = \phi_{00} + r_{0j}. \quad (7)$$

Como pôde ser observado, no modelo vazio, não é inclusa a variável em nenhum dos níveis. Em seguida, procura-se realizar a inclusão das variáveis explicativas apenas do primeiro nível, dando origem ao chamado modelo não condicional, expresso a seguir:

$$n_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1j} \text{Indivíduo}_{ij} + \beta_{2j} \text{Família}_{ij} \quad (\text{indivíduo}); \quad (8)$$

$$B_{0j} = \phi_{00} + r_{0j} \quad (\text{município}); \text{ e} \quad (9)$$

$$B_{kj} = \phi_{q0} \quad (\text{município}). \quad (10)$$

Substituindo as equações (9) e (10) em (8), obtém-se o modelo:

$$n_{ij} = \phi_{00} + \phi_{10} \text{Indivíduo}_{ij} + \phi_{2j} \text{Família}_{ij} + r_{0j}, \quad (11)$$

em que *Indivíduo* e *Família*<sub>ij</sub> englobam, na devida ordem, o conjunto de vetores associados às características individuais e familiares. Pela equação (10), pode-se observar que esse modelo é especificado de tal maneira que o efeito das variáveis de ordem individual, captado pelo coeficiente de inclinação  $\phi_{q0}$  é constante entre os municípios, enquanto os interceptos podem variar entre eles.

Finalizando, na última especificação, além das variáveis expostas anteriormente, acrescenta-se a variável de contexto, representando o modelo mais importante e complexo utilizado nesta pesquisa:

$$n_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1j} \text{Indivíduo}_{ij} + \beta_{2j} \text{família}_{ij} \quad (\text{indivíduo}), \quad (12)$$

$$B_{0j} = \phi_{00} + \phi_{01} \text{Estrutura Municipal}_{sj} + r_{0j} \quad (\text{município}) \text{ e} \quad (13)$$

$$B_{kj} = \phi_{q0} \quad (\text{município}), \quad (14)$$

em que *EstruturaMunicipal*<sub>sj</sub> corresponde aos *s* regressores referentes ao *j*-ésimo município. Inserindo as equações (13) e (14) na equação (12), tem-se o modelo final expresso pela equação (15):

$$n_{ij} = \phi_{00} + \phi_{10} \text{Indivíduo}_{ij} + \phi_{20} \text{Família}_{ij} + \phi_{01} \text{EstruturaMunicipal}_{sj} + r_{0j}. \quad (15)$$

Ressalta-se que as variáveis contextuais, correspondentes ao segundo nível, são incluídas de forma gradativa, conforme os quadros 1 e 2, possibilitando verificar o quanto as variáveis em nível municipal ajudam na redução da variabilidade não condicional associada ao intercepto estimado do nível 1. Tal cálculo é realizado por meio do índice de redução proporcional da variância. A métrica utilizada tem como objetivo principal compreender a importância direta das características relacionadas à conjuntura municipal (nível 2). Sendo assim, busca-se verificar o quanto a introdução gradual das variáveis de segundo nível ajuda a explicar a variabilidade relacionada ao intercepto do modelo não condicional. Logo, quanto menor o componente de variância, mais elevado é o poder explicativo das variáveis atribuíveis ao segundo nível, obtidas pela seguinte expressão:

$$\% \text{Variância Explicada} = \left( \frac{\sigma_{\text{oo}}^2(\text{n\~{a}o condicional}) - \sigma_{\text{oo}}^2(\text{condicional})}{\sigma_{\text{oo}}^2(\text{n\~{a}o condicional})} \right) * 100,$$

em que  $\sigma_{\text{oo}}^2$  corresponde à estimativa do componente da variância do intercepto do modelo não condicional e modelo condicional (o qual se incluem as variáveis de nível 2).

### 3.2 Fonte de dados

Neste estudo, são consideradas jovens as pessoas com idade de 15 a 29 anos, conforme estipulado pelo Estatuto da Juventude, na Lei nº 12.852/2013. Para a construção das variáveis de nível individual (nível 1), como já mencionada anteriormente, foi utilizado o Censo Demográfico 2010. A escolha dessa base de dados consiste na gama de informações contida sobre a localidade de residência de cada pessoa estudada.

Para alcançar os objetivos propostos, foram aplicados alguns recortes importantes, como a exclusão de jovens que não possuíam *status* de filho da pessoa responsável pelo lar. Ademais, para homogeneizar os dados, foram selecionados indivíduos sem qualquer tipo de deficiência física e/ou mental residentes das áreas urbanas. Após essas filtrações e exclusão das observações faltantes, a amostra final do nível individual foi constituída por 1.819.979 pessoas. A amostra do nível municipal (nível 2), por sua vez, é de origem secundária, disponível nos *sites* do Ipeadata e do Datasus, para o ano de 2010, contemplando 5.564 municípios do Brasil.

Por seguinte à escolha do banco de dados e da modelagem a ser utilizada, resta definir quais os vetores de variáveis explicativas elencadas para ambos os níveis. Como variáveis de nível 1, seguem-se os apontamentos teóricos correlatados na literatura nacional, como gênero, idade, escolaridade, outro nem-nem, presença materna, número de irmãos e cor, que podem influenciar na probabilidade de inatividade laboral e educacional do jovem. Ainda com base nas características de ordem individual, incorpora-se a variável *crença*, ainda não explorada na literatura.

As variáveis explicativas utilizadas e suas respectivas especificações estão disponibilizadas no quadro 1.

QUADRO 1  
**Descrição dos dados utilizados nas estimações (nível 1)**

Variável	Descrição da variável
Atributo pessoal	
Sem instrução e fundamental incompleto <sup>1</sup>	1 se o indivíduo não tem instrução ou tem curso fundamental incompleto; 0 para caso contrário.
Até médio incompleto	1 se indivíduo tem curso fundamental completo ou nível médio incompleto; 0 para caso contrário.
Até superior incompleto	1 se o indivíduo tem nível médio completo ou curso superior incompleto; 0 para caso contrário.
Até superior completo	1 se o indivíduo tem curso superior completo; 0 para caso contrário.
Idade	Idade do entrevistado aferida em anos de vida.
Homem	1 se o indivíduo é homem; 0 para caso contrário.
Negra	1 se o indivíduo é de cor negra; e 0 para caso contrário.
Crença	1 se o indivíduo declarou não ter religião; 0 para caso contrário.
Atributo do lar	
Outro nem-nem	1 se entrevistado que convive com algum nem-nem da mesma faixa de idade no lar; 0 para caso contrário.
Mãe presente	1 se indivíduo convive com a mãe no lar; 0 para caso contrário.
Chefe até médio incompleto <sup>1</sup>	1 se o chefe tem escolaridade igual ou menor que médio incompleto; 0 para caso contrário.
Chefe até superior incompleto	1 se o chefe tem nível médio completo e curso superior incompleto; 0 para caso contrário.
Chefe até superior completo	1 se o chefe tem nível superior completo; 0 para caso contrário.
Número de irmãos	Número de irmãos residentes no domicílio.

Fonte: Censo Demográfico 2010/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3gQV69u>>. Acesso em: 24 out. 2022.

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> Categoria omitida.

Com relação às variáveis de segundo nível (contextuais), foram elencadas informações associadas a métrica de desestruturação social, mercado de trabalho e bem-estar, tais como tamanho da população, taxa de desocupação e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Outra variável também incorporada no modelo é a taxa de homicídio municipal, extraído pelo *site* do Datasus para o ano de 2010, utilizada como uma *proxy* da violência municipal. Os óbitos aqui considerados são aqueles provenientes de mortes por agressão (X85-Y09) levando em conta o local da ocorrência.

*A posteriori*, foi realizado o cálculo da taxa de homicídio por 100 mil habitantes utilizando dados populacionais do *site* do Ipeadata. A incorporação dessas variáveis visa capturar a extensão e a profundidade das desigualdades sociais em diversas óticas, objetivando-se justificar os embasamentos do modelo teórico. As variáveis de ordem municipal são elencadas no quadro 2.



QUADRO 2  
Descrição dos dados utilizados nas estimações (nível 2)

Variável	Descrição da variável
Taxa de desocupação	Proporção da população economicamente ativa (PEA) com 10 anos ou mais de idade que estava desocupada, ou seja, que não estava ocupada na semana anterior à data do censo, mas havia procurado trabalho ao longo do mês anterior à data dessa pesquisa.
IDHM	Média geométrica dos índices das dimensões renda, educação e longevidade, com pesos iguais.
Taxa de homicídio	Total de homicídios por 100 mil habitantes do município.
População	Logaritmo da população total do município.

Fontes: Datasus (disponível em: <<https://bit.ly/3gM5rDY>>; acesso em: 24 out. 2022); e Ipeadata (disponível em: <<https://bit.ly/2JYbzmu>>; acesso em: 24 out. 2022).

Elaboração dos autores.

Por seguinte à descrição das variáveis, a tabela 1 mostra as estatísticas descritivas do banco de dados. Além de analisar toda a amostra, optou-se por separar as informações em duas categorias distintas: i) nem-nem; e ii) não nem-nem. De forma adicional, realizaram-se, também, os testes *t-student* para diferenças de médias e proporções entre os dois grupos analisados.

TABELA 1  
Distribuição dos jovens no Brasil

Nível individual	Todos	Nem-nem (A)	Não nem-nem (B)	Diferença de média (B - A)
Idade	20,48	21,30	20,37	-0,93***
Número de irmãos	2,46	2,68	2,43	-0,24***
Faixa de instrução				
Sem instrução e fundamental incompleto <sup>1</sup>	0,246	0,372	0,228	-0,14***
Até médio incompleto	0,326	0,203	0,344	0,14***
Até superior incompleto	0,363	0,388	0,360	-0,03***
Até superior completo	0,064	0,037	0,068	0,03***
Outro nem-nem				
Não <sup>1</sup>	0,945	0,667	0,984	-0,32***
Sim	0,055	0,333	0,016	
Crença				
Sem religião	0,085	0,111	0,081	-0,03***
Com religião <sup>1</sup>	0,915	0,889	0,919	
Gênero				
Homem	0,554	0,480	0,564	0,08***
Mulher <sup>1</sup>	0,446	0,520	0,436	
Mãe presente				
Não <sup>1</sup>	0,062	0,082	0,059	0,02***
Sim	0,938	0,918	0,941	
Cor				
Não negra <sup>1</sup>	0,934	0,923	0,935	-0,01***
Negra	0,066	0,077	0,065	
Faixa de instrução do chefe				
Chefe até médio incompleto <sup>1</sup>	0,718	0,803	0,706	-0,10***
Chefe até superior incompleto	0,197	0,142	0,204	0,06***
Chefe até superior completo	0,085	0,055	0,090	0,03***
Nível municipal				
Taxa de desocupados	7,91	8,48	7,83	-0,64***
IDHM	0,713	0,69	0,72	0,02***
Taxa de homicídio	24,24	25,14	24,12	-1,02***
População	11,37	11,23	11,39	0,16***
Número de observações	1.819.979	225.197	1.594.782	-

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> Categoria omitida.

Obs.: \*\*\* Estatisticamente significativo a 1%.

Inicialmente, nota-se que cerca de 12,4% dos jovens encontravam-se fora da rede de ensino e inativos no mercado de trabalho, enquanto 87,6% estudavam ou/e participavam da força de trabalho. Averiguando toda a amostra, percebe-se que a maior parte dos jovens é do gênero masculino (55%), de raça/cor não negra (93%), com faixa de escolaridade de ensino médio completo até superior incompleto (36%), possuindo por volta de dois irmãos, e com idade média de aproximadamente 20 anos. Observa-se, ainda, que pouco mais de 5% dos jovens possuem mais de um indivíduo na condição de nem-nem no lar, 71,8% dos chefes de família sequer completaram o ensino médio, e aproximadamente 93,8% dos indivíduos residem com a mãe.

Ficam perceptíveis as distinções existentes nas informações associadas às comparações entre jovens que se enquadram nas categorias nem-nem e os que não se enquadram. Em média, a concentração de jovens menos escolarizados (até ensino fundamental incompleto), de cor negra, do sexo feminino, e que não tem religião é maior no grupo dos nem-nem. Por sua vez, no referente à presença da figura materna, percebe-se que, em média, o seu percentual é mais elevado para os indivíduos que são economicamente ativos ou/e estudam.

O indivíduo que simultaneamente não estuda nem faz parte da força de trabalho é, em média, mais velho do que aqueles que exercem alguma atividade ocupacional. Independentemente do grupo analisado, os entrevistados apresentam em média dois irmãos no lar. Percebe-se, ainda, que o percentual de jovens que convivem com algum indivíduo na condição de nem-nem em casa é mais elevado para a própria categoria dos nem-nem (33,0%) comparativamente aos indivíduos ativos e que fazem parte da rede de ensino (1,6%).

Em relação ao nível de instrução da pessoa responsável pelo domicílio, pode-se dizer que aqueles enquadrados como nem-nem são, em média, mais propensos a ter chefes menos instruídos. Segundo Tillmann e Comim (2016), a educação dos pais é um importante fator na decisão entre estudo e trabalho dos jovens brasileiros, uma vez que a variável de educação dos genitores também pode ser entendida como *proxy* para a renda permanente, dado que pais mais educados dispõem de mais recursos financeiros para investir na educação de seus filhos.

No referente às características peculiares ao município, a taxa de desocupação e de homicídio é maior em localidades para a categoria dos nem-nem, enquanto o IDHM é mais elevado para aqueles que estão ocupados e/ou participam da rede de ensino. Por fim, verifica-se que, em média, o tamanho da população é praticamente o mesmo, independentemente do subgrupo.

## 4 RESULTADOS

Com o intuito de analisar como as características individuais e locais determinam a condição nem-nem no Brasil, empregou-se a técnica de modelagem multinível, que possibilita a determinação dos efeitos diretos (nível 1) e indiretos (nível 2). O primeiro passo da abordagem consiste na análise do modelo de análise de variância (ANOVA) com efeitos aleatórios (modelo nulo),<sup>10</sup> em que nenhuma variável é inserida, com o intuito de verificar a aleatoriedade dos coeficientes, expressos na tabela 2.

10. Tal modelo não explica nenhuma variância da variável dependente, mas decompõe a variância entre os níveis.

Com base no cálculo do *plogit* desse modelo, é possível observar o quanto a variação nas chances de ser nem-nem está atrelada às características municipais. O valor do *plogit*<sup>11</sup> calculado foi de 0,09, o que indica que 9% da variação nas chances de estar na condição de nem-nem é atribuída às características peculiares da localidade (nível 2), contribuindo para a possível existência de um efeito de contexto social. Ademais, como em todos os modelos estimados os coeficientes das variâncias contextuais (nível 2) são estatisticamente diferentes de zero, conclui-se que a probabilidade de ser nem-nem difere de acordo com o município em que o jovem reside, justificando, assim, a utilização da abordagem hierárquica em vez de um modelo de regressão clássico.

O modelo 1, não condicional, consiste na inclusão somente das variáveis explicativas relacionadas às características de ordem individual, como idade, sexo, escolaridade, religião, raça/cor, presença materna e número de irmãos no lar. Nos modelos 2, 3, 4 e 5, por sua vez, é possível observar a importância direta das variáveis de contexto social de ordem municipal; logo, observa-se o quanto as variáveis municipais ajudam na redução da variabilidade não condicional do intercepto estimado do modelo 1 (ou seja, na queda do componente da variância), à medida que se inserem gradualmente as variáveis: taxa desocupação, IDHM, taxa de homicídios e população.

Em linhas gerais, nota-se que a inclusão de todas as variáveis de contexto que representam a estrutura dos municípios explica conjuntamente 50,1% da variabilidade sobre o intercepto, sendo que, ao comparar os modelos 2, 3, 4 e 5, a variável que mais explica essa variabilidade sobre o intercepto é o IDHM. Ademais, dada a sua significância estatística, verifica-se que, quanto maior o IDHM, menor a incidência da geração nem-nem; realizando a análise da mudança nas razões de chances,<sup>12</sup> os resultados sugerem que o IDHM tem exercido um papel importante, pois os jovens têm as chances de estar simultaneamente inativo no mercado de trabalho e fora da educação reduzidas em 95,8%.

A inclusão da taxa de desocupação é a segunda variável que mais explica a variabilidade do intercepto em 12,6% (modelo 2). No referente à significância estatística e sinal da variável, observou-se um efeito positivo, de forma que, quanto maior o percentual da PEA desocupada em um determinado município, maiores são as probabilidades de estar simultaneamente fora do mercado de trabalho e da escola.

Observa-se ainda que o fato de o jovem estar situado em locais populosos aumenta a probabilidade de estar na condição de nem-nem, o que é verificado pelo sinal e pela significância estatística da variável *população*, utilizada aqui como *proxy* para centros urbanos. Acredita-se que o grau de desenvolvimento municipal afeta as decisões de estudo e trabalho, devido ao fato da forte desestruturação social localizada nas grandes metrópoles, decorrente da atração de pessoas em busca de oportunidades de postos de trabalho, o que acaba por repercutir no aumento da concorrência por habitação, saúde, emprego e educação (Ciríaco, Oliveira e Anjos

11. Cálculo:  $\rho = ICC = \frac{\sigma_u^2}{\sigma_u^2 + \sigma_e^2} = \frac{0,3289}{0,3289 + 3,29} = 0,09 = 9\%$ .

12. Os coeficientes de razão de chances são iguais a 1 quando não é observado nenhum efeito, menor que 1 se o efeito é negativo e maior que 1 se o efeito é positivo.

Junior, 2017). Tais fatores, conjuntamente, desencadeiam o surgimento ou a multiplicação da pobreza entre os indivíduos e facilitam, por fim, o crescimento da geração nem-nem.

Ainda com relação aos regressores municipais, mais especificamente à taxa de homicídios por 100 mil habitantes, verificou-se que ela não apresentou relevância estatística para explicar a condição ocupacional dos jovens, contrariando a análise descritiva preliminarmente elaborada. Contudo, para saber se o fenômeno ocorre ou não, é essencial uma análise mais aprofundada e cuidadosa das informações disponível no banco de dados (devido à heterogeneidade existente nesse subgrupo analisado), uma vez que, na literatura brasileira exposta, não há um consenso sobre o real efeito empírico dessa variável sobre a decisão do jovem em alocar seu tempo.

No referente às características individuais, percebe-se que ser homem reduz as chances de ser considerado nem-nem, corroborando Cardoso (2013). Tal resultado pode estar associado ao papel social e biológico, uma vez que, para as mulheres, o casamento traz a tradicional divisão do trabalho e de cuidados da casa e filhos, enquanto, para os homens, a cultura social os motivam a participar do mercado de trabalho. Ademais, observou-se que os indivíduos mais velhos estão mais predispostos a se enquadrar na condição de nem-nem.

O fato de o jovem não ter religião eleva em aproximadamente 29,6% as chances de ser considerado nem-nem. Esse resultado pode ser atribuído ao fato de a religião fornecer aos seus adeptos formas de conduta de vida e hábitos diários, ético e moral e, conseqüentemente, influência no modo de vida (Bernardelli e Michellon, 2018), além de expandir redes de contato que impactam o capital social de cada indivíduo. Por sua vez, quanto à cor, percebe-se que o fato de ser de negro eleva a chance relativa de ser nem-nem – tal resultado já era esperado, pois, de acordo com Silva e Vaz (2020), há maior probabilidade de encontrar jovens nem-nem entre a população negra e de baixa renda.

Ainda no referente aos resultados, observa-se que há um efeito de interação entre os jovens no mesmo domicílio sobre a alocação de tempo envolvendo decisões entre mercado de trabalho e estudo. Ter um jovem nem-nem no convívio familiar eleva a probabilidade de o jovem estar simultaneamente fora da escola e da força de trabalho, corroborando Shirasu (2018). Ademais, quanto mais irmãos no domicílio, menor a probabilidade de o jovem se enquadrar na condição de nem-nem, sendo que, em termos numéricos, essas chances reduzem em mais de 15,9% a cada novo membro adicionado no lar.

Em linhas gerais, a escolaridade do indivíduo mostrou-se primordial para explicar padrões de vulnerabilidade juvenil no país: quanto mais elevado o seu nível de instrução, maior a participação no ensino formal e/ou na força de trabalho. Ainda com relação à educação, note que ter chefes mais educados aumentam as chances relativas de os jovens estarem estudando e serem ativos no mercado de trabalho, o que já era esperado, conforme já especificado anteriormente (Ciríaco, Anjos Junior e Oliveira, 2018).

Por fim, conviver com a mãe no lar tende a reduzir as chances de estar na situação nem-nem. Acredita-se que isso ocorre porque a ausência da figura materna representa uma perda de recursos disponíveis, pois, de forma geral, elas tendem a dar maior incentivo emocional e norteamto educacional aos seus descendentes.

TABELA 2  
**Regressões hierárquicas para a probabilidade de estar na condição de nem-nem – Brasil (2010)**

	Nulo	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5	Razão das chances
	Componente fixo						
Intercepto	-1,954*** (0,0086)	-1,989*** (0,019)	-2,258*** (0,0222)	-0,095* (0,054)	-0,095* (0,054)	-0,162*** (0,054)	0,8497*** (0,0497)
Idade	-	0,0492*** (0,00069)	0,0489*** (0,00069)	0,0486*** (0,0006)	0,0486*** (0,0006)	0,0486*** (0,0006)	1,049*** (0,0007)
Até médio incompleto	-	-0,855*** (0,0072)	-0,854*** (0,007)	-0,840*** (0,0072)	-0,840*** (0,0072)	-0,840*** (0,0072)	0,431*** (0,0031)
Até superior incompleto	-	-0,344*** (0,0068)	-0,342*** (0,0069)	-0,324*** (0,0068)	-0,324*** (0,0068)	-0,324*** (0,0068)	0,723*** (0,0049)
Até superior completo	-	-1,051*** (0,0143)	-1,045*** (0,0143)	-1,022*** (0,0143)	-1,022*** (0,0143)	-1,022*** (0,0143)	0,359*** (0,0051)
Outro nem-nem	-	3,508*** (0,0088)	3,504*** (0,0088)	3,495*** (0,0088)	3,495*** (0,0088)	3,495*** (0,0088)	32,953*** (0,292)
Crença	-	0,262*** (0,00877)	0,255*** (0,00877)	0,2601*** (0,00876)	0,2601*** (0,00876)	0,2597*** (0,00876)	1,296*** (0,0114)
Homem	-	-0,544*** (0,0053)	-0,543*** (0,0053)	-0,542*** (0,0053)	-0,542*** (0,0053)	-0,542*** (0,0053)	0,582*** (0,0031)
Mãe presente	-	-0,235*** (0,0097)	-0,233*** (0,0097)	-0,233*** (0,00977)	-0,233*** (0,0097)	-0,233*** (0,0097)	0,792*** (0,0077)
Negra	-	0,0274*** (0,0102)	0,0213** (0,0101)	0,0208** (0,010)	0,0208** (0,010)	0,0208** (0,010)	1,021** (0,0103)
Número de irmãos	-	-0,167*** (0,0021)	-0,168*** (0,0021)	-0,173*** (0,0021)	-0,173*** (0,0021)	-0,173*** (0,0021)	0,8407*** (0,0017)
Chefe até superior incompleto	-	-0,226*** (0,0074)	-0,228*** (0,0074)	-0,219*** (0,0074)	-0,219*** (0,0074)	-0,219*** (0,0074)	0,8028*** (0,0059)
Chefe até superior completo	-	-0,230*** (0,0111)	-0,231*** (0,011)	-0,222*** (0,011)	-0,222*** (0,011)	-0,223*** (0,011)	0,7999*** (0,0088)
Taxa de desocupados	-	-	0,0387*** (0,0016)	0,0226*** (0,0014)	0,0226*** (0,0014)	0,0216*** (0,0014)	1,022*** (0,00151)

(Continua)

(Continuação)

	Nulo	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5	Razão das chances
IDHM	-	-	-	-3,070*** (0,071)	-3,071*** (0,071)	-3,159*** (0,077)	0,0425*** (0,0032)
Taxa de homicídio	-	-	-	-	0,000 (0,00026)	0,000 (0,00028)	1,000 (0,00028)
População	-	-	-	-	-	0,0141*** (0,0048)	1,0142*** (0,0048)
Componente aleatório							
$\sigma_u^2$ (variância entre municípios)	0,3289***	0,1362***	0,119***	0,0680***	0,0680***	0,0679***	0,0679***
Variância explicada (%)	-	-	12,62	50,07	50,07	50,14	-
Observações	-	-	-	-	-	-	-
Nível individual	1.819.979	1.819.979	1.819.979	1.819.979	1.819.979	1.819.979	1.819.979
Nível municipal	5.564	5.564	5.564	5.564	5.564	5.564	5.564

Fontes: Censo Demográfico 2010/IBGE (disponível em: <<https://bit.ly/3gQV69u>>; acesso em: 24 out. 2022); Ipeadata (disponível em: <<https://bit.ly/2JYbzmu>>; acesso em: 24 out. 2022); e Datassus (disponível em: <<https://bit.ly/3gM5rDY>>; acesso em: 24 out. 2022).

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. Erro-padrão entre parênteses.

2. \*\*\* Estatisticamente significativo a 1%; \*\* estatisticamente significativo a 5%; \* estatisticamente significativo a 10%.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo partiu da consideração de que os determinantes da condição de nem-nem – jovens que não trabalham nem estudam – são afetados por dois níveis de interação: individual e municipal. Diante da amplitude da problemática, várias pesquisas têm buscado compreender melhor esse fenômeno. Uma diferenciação da abordagem aqui conduzida foi considerar o impacto da conjuntura local, que, de maneira geral, é negligenciada por estudos correlatos no país. Tal abordagem se deve basicamente à estrutura hierárquica dos dados, preenchendo espaços vazios na literatura envolta à juventude nem-nem, uma vez que os principais estudos elencam a importância das características individuais e familiares, mas negligenciam a influência do meio social no qual as pessoas estão inseridas; e mesmo assim, em geral, a literatura atual falha ao desconsiderar uma possível estrutura hierárquica dos fatores determinantes, o que pode levar ao problema da falácia ecológica evidenciada por Hox (2002).

Com a utilização da base de dados do Censo Demográfico 2010, essa lacuna pode ser em parte preenchida. Esses dados permitem a criação e a interligação de indicadores de ordem municipal com outras bases de dados disponíveis (como o Datasus e o Ipeadata), além de capturar os efeitos não observados associados às peculiaridades locais que podem inferir no modo de vida dos agentes.

Cabe destacar, por sua vez, que fatores associados às características individuais, aos arranjos familiares e ao contexto social podem repercutir sobre o fator de exclusão social da juventude brasileira. Em linhas gerais, observou-se que a localidade na qual o jovem reside é importante para o seu desenvolvimento pessoal e coletivo, pois contextos sociais precários, com baixo nível de dinamicidade econômica e alta vulnerabilidade social contribuem para a inatividade laboral e educacional de jovens.

Por fim, haja vista o exposto, a elaboração de políticas públicas que estimulem o engajamento juvenil tanto no sistema educacional quanto no mercado de trabalho torna-se de suma importância para enfrentar tal problemática. Ademais, outros fatores de ordem familiar podem influenciar nas decisões dos indivíduos, o que exige uma atuação mais integrada às redes locais de amparo socioassistencial e de intermediação de emprego.

Dessa forma, sugere-se, para pesquisas posteriores, captar, por meio do modelo hierárquico, outros possíveis fatores não observados nos lares desses jovens, com vistas a identificar fatores psicológicos ou culturais que podem repercutir em seus comportamentos. Os dados do próximo Censo Demográfico no Brasil, iniciado em meados de 2022, também propiciarão novas oportunidades auspiciosas de aprofundamento nas análises desse tema para todo o país.

## REFERÊNCIAS

BALAN, M. Youth labor market vulnerabilities: characteristics, dimensions and costs. **Procedia Economics and Finance**, v. 8, p. 66-72, 2014.



BERNARDELLI, L. V.; MICHELLON, E. A religião e o crescimento econômico: uma análise para o Paraná de 2000 e 2010. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 39, p. 140-156, 2018.

BOOTH, A. L.; FRANCESCONI, M.; FRANK, J. Temporary jobs: stepping stones or dead ends? **The Economic Journal**, v. 112, n. 480, 2002.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: experiments by nature and design**. Cambridge, United States: Harvard University Press, 1979.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Caderno CRH**, v. 26, n. 68, 2013.

CHOUDHRY, M.; MARELLI, E.; SIGNORELLI, M. Youth and total unemployment rate: the impact of policies and institutions. **Rivista Internazionale di Scienze Sociali**, 2012.

CIRÍACO, J. S.; ANJOS JUNIOR, O. R.; OLIVEIRA, C. S. Fatores associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres baianas. **Revista Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 8, 2018.

CIRÍACO, J. S.; OLIVEIRA, C. S.; ANJOS JUNIOR, O. R. O contexto social como determinante do trabalho precoce no Ceará. **Revista da ABET**, v. 17, p. 75-89, 2017.

CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Brasília: Ipea, 2014.

CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 70, 2020.

COSCIONI, V. *et al.* Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. **Psicologia USP**, v. 29, p. 363-373, 2018.

COSTA, J. *et al.* Juventude e habilidades socioemocionais: contribuição para entender os jovens sem estudo e sem trabalho. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Ipea, n. 66, 2019.

HOX, J. J. **Multilevel analysis: techniques and applications**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Trabalho e renda. **Políticas sociais: acompanhamento e análise**, Brasília, n. 28, 2021.

KELLY, E.; MCGUINNESS, S. Impact of the Great Recession on unemployed and NEET individuals' labour market transitions in Ireland. **Economic Systems**, v. 39, 2015.

MONTEIRO, J. **Quem são os jovens nem-nem?** Rio de Janeiro: FGV/Ibre, 2013. (Texto de Discussão, n. 34).

O'HIGGINS, N. **The impact of the economic and financial crisis on youth employment: measures for labour market recovery in the European Union, Canada and the United States**. ILO, 2010. (Employment Working Paper, n. 70).

RAUDENBUSH, S. W.; BRYK, A. S. **Hierarchical linear models: applications and data analysis methods**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002.

- REIS, M. Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 69, n. 1, p. 105-124, 2015.
- REMY, M. A.; VAZ, D. V. Fora da escola e do mercado de trabalho: o jovem nem-nem- no estado do rio de janeiro. **Revista da Abet**, v. 16, p. 119-139, 2017.
- ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, v. 21, n. 54, p. 533-550, 2008.
- SANTOS, A. L.; GIMENEZ, D. M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Estudos Avançados**, v. 29, p. 153-168, 2015.
- SHIRASU, M. R. **Determinantes da escolha e do retorno ocupacional dos jovens brasileiros**. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- SHIRASU, M. R.; ARRAES, R. A. Decisão dos jovens brasileiros: trabalhar e/ou estudar ou nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Brasília, v. 49, n. 2, 2019.
- SILVA, S. P. O panorama laboral brasileiro no contexto recente da economia latino-americana. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 64, 2018.
- SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H.; COSTA, J. (Org.). **Impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil**. Brasília: Ipea, 2022.
- SILVA, E. R.; BOTELHO, R. U. (Org.). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.
- SILVA, E. R.; VAZ, F. Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil. **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 70, 2020.
- \_\_\_\_\_. Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil. *In*: SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H.; COSTA, J. (Org.). **Impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil**. Brasília: Ipea, 2022.
- SILVA, E. R. *et al.* **A informalidade do trabalho da juventude no Brasil**: o que pensam os integrantes do subcomitê da agenda nacional de trabalho decente para a juventude. Brasília: Ipea, 2016. (Texto para Discussão, n. 2171).
- SIRAJ, I. *et al.* **Report on students who are not in education, employment or training (NEET)**. London: Institute of Education & Department of Education, 2014.
- TILLMANN, E. A.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Brasília, v. 46, n. 2, p. 47-78, 2016.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CIRÍACO, J. S. **A situação ocupacional dos jovens no Brasil: 2002 a 2012**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.